

A detailed portrait of Amélia de Leuchtenberg, a young woman with dark, curly hair styled in an elaborate updo. She has blue eyes, rosy cheeks, and is wearing a white, off-the-shoulder dress with puffed sleeves. She is adorned with a multi-strand pearl necklace and a single pearl earring. The background is a dark, neutral color.

BY THE
BOOK

Cláudia
Thomé
Witte

Amélia
de Leuchtenberg

IMPERATRIZ DO BRASIL
DUQUESA DE BRAGANÇA



É uma velha história.

E, no entanto, ela permanece sempre nova.

(Es ist eine alte Geschichte. Doch bleibt sie immer neu.)

HEINRICH HEINE, *Tragödien nebst einem lyrischen Intermezzo.*

Convivi com ela durante muitos meses, procurei sua alma por entre as linhas frias dos historiadores. Escutei-lhe a voz nas cartas que o seu punho firme traçou. Olhei-lhe o rosto nas gravuras e nos retratos. Ouvi os elogios e os insultos dos seus contemporâneos. E, de tudo isso, amassei estas páginas.

ESTHER DE LEMOS, *D. Maria II, a rainha e a mulher.*

© **Edição**
By the Book, Edições Especiais

Título
Amélia de Leuchtenberg:
Imperatriz do Brasil
e Duquesa de Bragança

© **Texto**
Cláudia Thomé Witte

Revisão
Isabel Costa

Impressão
Europress

ISBN
978-989-35424-5-3

Depósito Legal
528272/24

Nota do editor
Nesta obra mantivemos a redação
original da autora.

**BY THE
BOOK**

Edições Especiais, lda
Rua das Pedreiras, 16-4º
1400-271 Lisboa
T. + F. (+351) 213 610 997
www.bythebook.pt

APOIOS



FUNDAÇÃO DA
CASA DE BRAGANÇA



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA ALENTEJO

8	<i>A imperatriz do Brasil que escolheu Portugal</i> Prefácio de Paulo Rezzutti
15	<i>Introdução</i>
20	<i>Princesa de Leuchtenberg</i>
21	SOB A ESTRELA DE NAPOLEÃO
37	HERDEIROS DE UM IMPÉRIO
52	CRESCENDO NA BAVIERA
67	O BRASIL PROCURA UMA NOVA IMPERATRIZ
97	O CASAMENTO
120	<i>Imperatriz do Brasil</i>
121	A CAMINHO DO BRASIL
139	PRIMEIROS TEMPOS
188	VIVENDO NO RIO DE JANEIRO
214	A PERDA DO TRONO
232	<i>Duquesa de Bragança</i>
233	FUTURO INCERTO
279	ESPOSA DO LIBERTADOR
308	SENHORA DO SEU DESTINO
380	NOVAS PERDAS
411	UM LUGARZINHO NO SEU CORAÇÃO
420	GUARDIÃ DA MEMÓRIA
468	<i>Muito além de D. Amélia</i>
469	HERANÇAS E LEGADOS
490	DUAS VEZES EMBALSAMADA
503	CRONOLOGIA CRONOLOGIA DOS LOCAIS ONDE D. AMÉLIA DE LEUCHTENBERG VIVEU
511	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
531	BIBLIOGRAFIA
547	AGRADECIMENTOS

Prefácio

PAULO REZZUTTI

A imperatriz do Brasil que escolheu Portugal

Paul Valery, em sua obra *Eupalinos ou o arquiteto*, colocou o espírito de Sócrates pronunciando um dos mais belos pensamentos que eu já li: “De todos os atos, o mais completo é o de construir. Uma obra exige amor, meditação, obediência ao teu mais belo pensamento, invenção de leis pela tua alma e muitas outras coisas que ela extrai maravilhosamente de ti e que não suspeitavas possuir”. Essa ideia me retornou à mente ao terminar de ler este livro que o leitor agora tem em mãos.

Como nos conta a pesquisadora Cláudia Thomé Witte, a imperatriz do Brasil, d. Amélia de Leuchtenberg (1812-1873), segunda esposa do imperador d. Pedro I do Brasil, viveu pouco mais de um ano entre os brasileiros, de 1829 a 1831, mas muito mais entre os portugueses. Em sua viuvez, d. Amélia, tendo propriedades na Baviera e um enteado imperador do Brasil, que a convidou para retornar para lá, escolheu se estabelecer em Lisboa, onde viveu até a sua morte em 1873.

Mesmo tendo sido imperatriz do Brasil e duquesa de Bragança, poucas obras e artigos brasileiros e portugueses foram publicados a respeito dela. Este trabalho de fôlego, da pesquisadora Cláudia Thome Witte, sucede algumas poucas outras escritas sobre d. Amélia. De mais recente sobre ela, existe uma ficção, *A imperatriz do fim do mundo*, de Ivanir Calado (1992), mas biografia mesmo foram publicadas apenas duas: *Imperatriz dona Amélia*, de Lygia Lemos Torres (1947), e *A segunda imperatriz do Brasil: Amélia de Leuchtenberg*, de Maria Junqueira Schmidt (1927). Além dessas, também há *A imperatriz desterrada*, de Lauro Barreira (1979), um livro que utiliza as duas anteriores numa tentativa de justificar o traslado do corpo de d. Amélia do Panteão dos Braganças, em São Vicente de Fora, para a Cripta Imperial, localizada na cidade de São Paulo, no Brasil. Essa transferência ocorreu no início da década de 1980, dez anos após o envio do corpo do imperador d. Pedro I de Lisboa para São Paulo. Em Portugal, Francisco

BIBLIOGRAFIA

VALERY, Paul. *Eupalinos ou o arquiteto*. São Paulo: 34, 1996.

da Fonseca Benevides dedicou um breve capítulo à imperatriz em seu *Rainhas de Portugal*, de 1879. Em adição a esses livros, existem apenas alguns artigos publicados em revistas de institutos históricos e em anuários de museus que não fazem parte da leitura do público em geral e, muitas vezes, acrescentam bem pouco a respeito da personagem em questão.

Claudia Thomé Witte, para a nossa sorte, não se limitou a ler três livros e cinco artigos, dar uma busca na *internet* e escrever uma quarta obra sobre d. Amélia. Muito menos ficou restrita à documentação da segunda imperatriz existente no Brasil. Aí está, em grande parte, o seu mérito e o nosso ganho.

A autora demonstra ao longo de seu trabalho que, definitivamente, a vida de d. Amélia não foi comum, como não foi comum a de nenhum outro membro da família Bonaparte. Sua infância em berço de ouro, na Itália, seria interrompida com a queda do império napoleônico. Fugindo entre os escombros, Amélia, ainda bebê, junto com a sua família, cruzaria os Alpes cobertos de neve para chegar à Baviera em busca de proteção. Todo esse colorido de ações, emoções, aventuras e tragédias da vida da nossa segunda imperatriz chega ao leitor através da escrita brilhante da autora.

A pesquisadora consultou arquivos por 20 anos, viajou por 10 países e traduziu em cinco idiomas. Pensou, repensou, construiu análises, desconstruiu personagens, entrou em minúcias e conseguiu sair delas, feito raro para quem se debruça sobre o mesmo tema há décadas. O resultado é um mergulho ao longo do século XIX em dois continentes e em vários países que nos traz revivida d. Amélia de Leuchtenberg. Sua passagem pelo Brasil foi rápida como a de um cometa, porém o seu efeito foi muito menos fugaz que a falsa ideia de sua não permanência faz julgar a princípio. Já em Portugal, a história da vida do *Libertador* agora é efetivamente revelada e contada à luz de documentação inédita localizada na Alemanha e na Suécia.

Uma das questões levantada pela autora, nesta obra, é a importância de d. Amélia na criação dos filhos órfãos de d. Leopoldina. D. Pedro II, d. Januária e d. Francisca nunca foram esquecidos por ela. Mesmo distante, em seu exílio na Europa, d. Amélia foi uma presença constante na vida dos enteados, que, ao longo dos anos, tiveram oportunidades de rever a sua mãe de criação. Além de influenciar na escolha dos maridos de suas netas, as princesas d. Isabel e d. Leopoldina, filhas de d. Pedro II, d. Amélia também o

aconselhou diversas vezes sobre outros temas. Durante o exílio na Inglaterra, imposto a d. Francisca devido à queda do sogro, o rei Luís Filipe, do trono da França, d. Amélia abriu para a enteada uma linha de crédito para que ela tivesse como se sustentar. D. Pedro II, em uma carta, lamentaria a morte da ex-imperatriz, afirmando que ela fora a única mãe que ele conheceu.

De todos os filhos de d. Pedro I e d. Leopoldina, d. Amélia teve mais proximidade com a mais velha, a rainha d. Maria II de Portugal. Ambas conviveram antes mesmo de d. Amélia chegar ao Brasil. O destino delas se entrelaçou em 1829 quando a rainha, após ter o seu trono tomado por seu tio, d. Miguel, partiu da Europa para junto de seu pai no Brasil. D. Amélia e d. Maria II foram para o Rio de Janeiro no mesmo navio e viveram nesta cidade até 1831. Posteriormente, elas conviveram por outros dois anos no exílio, em Paris, enquanto d. Pedro lutava para restaurar a filha no trono de Portugal. Madrasta e enteada passaram juntas por diversas perdas, como a de d. Pedro e a do primeiro marido de d. Maria II, d. Augusto, irmão de d. Amélia. A duquesa de Bragança desenvolveu um forte relacionamento com o novo genro, o rei d. Fernando, e os filhos do casal, a quem ela sempre considerou seus netos. D. Maria II, após um problema em seu último parto, veio a falecer nos braços de sua madrasta em 1853.

Além dos enteados, d. Amélia teve uma única filha com d. Pedro, a princesa d. Maria Amélia. A educação dessa filha levou-a a enfrentar os entraves de sua época a respeito da educação superior para o sexo feminino. D. Maria Amélia, uma princesa brasileira, foi a primeira mulher a estudar física e prestar os seus exames na Universidade de Munique, na Baviera.

O legado de d. Amélia também se estendeu a Isabel Maria, filha que d. Pedro I teve com a sua amante, a marquesa de Santos. Reconhecida pelo pai e feita duquesa de Goiás em 1826, ela contou com a proteção da ex-imperatriz para terminar a sua educação na Europa e se casar dentro da nobreza germânica. Ainda no quesito “ser mãe no século XIX”, são importantíssimas as cartas que a escritora descobriu escritas pela duquesa Augusta de Leuchtenberg para a filha d. Amélia. Nelas, vemos por escrito os conselhos, que, normalmente, eram passados por voz e no dia a dia, sobre o que a jovem devia esperar do casamento e da vida conjugal, como deveria se preparar para um parto e quais os cuidados com o corpo antes, durante e depois dele.

Mas a nora de Napoleão não se restringiu somente a conselhos domésticos. Numa outra carta, também publicada neste livro pela primeira vez, Augusta tece considerações políticas e ensina a filha como ser uma imperatriz. D. Amélia serviu-se deles, conforme demonstra a pesquisadora, até mesmo influenciando na formação de um ministério no Brasil. A imagem de nossa segunda imperatriz aparece nesta obra como uma personagem que efetivamente teve participação política nos destinos do Brasil e da Europa.

A biógrafa conseguiu a proeza de nos contar essa história de maneira tão viva também por saber muito bem o idioma alemão, tendo chegado a dar aulas dessa língua em uma universidade na Alemanha. Isso é um dos grandes diferenciais desta obra. Todos os autores anteriores que se dedicaram a falar sobre d. Amélia fizeram isso com base em documentos escritos em português ou francês. A facilidade com o idioma natal da biografada e de sua família imediata abriu para Cláudia portas que até então permaneciam fechadas.

Uma dessas portas foi a do Arquivo do Estado da Baviera. Ali, Cláudia teve acesso total ao arquivo da família Leuchtenberg e, com isso, a cartas e diários da duquesa Augusta. Também consultou as cartas dos irmãos de d. Amélia, entre os quais o mais velho, Augusto de Leuchtenberg, seu grande confidente, para quem contava coisas sobre as quais não falava com a mãe, para que esta não ficasse preocupada. Isso foi extremamente valioso, uma vez que a maior parte do arquivo pessoal de d. Amélia foi destruído, provavelmente por desejo dela própria.

Outro arquivo a que Cláudia teve acesso foi o do visconde Almeida, o brasileiro Paulo Martins de Almeida, o “Paulinho”, ajudante de ordens de d. Pedro I. Com a morte do primeiro imperador do Brasil, Paulo Almeida passou a trabalhar com a rainha d. Maria II de Portugal e, posteriormente, para d. Amélia. A imperatriz-viúva ajudou-o a se casar com uma prima dela, a condessa Francisca Sofia von Bayerstorff. Seus descendentes mantiveram por mais de 130 anos na Alemanha o arquivo desse antepassado brasileiro. Ao descobri-lo, ainda intacto, surgiram gratas informações inéditas para esta obra. Hoje, esse arquivo, graças aos esforços da pesquisadora e do sr. dr. José Alberto Ribeiro, diretor do Palácio Nacional da Ajuda, encontra-se disponível ao público na Biblioteca da Ajuda.

Cláudia Thomé Witte também se debruçou sobre as memórias de membros da comitiva que trouxe d. Amélia da Baviera para o Brasil, como o diário de viagem do conde Friedrich von Sprei e os diários de Anton Adolph Friedrich Seweloh. Seweloh já se encontrava no Rio de Janeiro quando d. Amélia chegou e, por ser alemão, acabou se envolvendo com membros da comitiva e deixando algumas histórias registradas. Pelos olhos desses personagens, podemos observar todas as estranhezas e deslumbramentos que fizeram parte dos primeiros dias de d. Amélia e seu séquito no novo país. Quanto a sua vida em Portugal, vemos menções em cartas a várias pessoas, em especial ao seu genro, d. Fernando, além de sua vasta preocupação com as causas sociais a que se dedicou no país até o final de sua vida.

Nas andanças da autora pelo mundo atrás do rastro deixado por d. Amélia e seus legados que se espalharam pela Europa, ela conseguiu autorização dos reis da Suécia para pesquisar no Arquivo Real de Estocolmo. Lá, ela encontrou muitos dos documentos e pertences de d. Amélia que foram legados por testamento à sua irmã Josefina de Leuchtenberg, rainha da Suécia. Algumas dessas peças, entre tantas outras inéditas, figuram nas ilustrações desta obra. Cláudia também realizou diversos levantamentos em museus e arquivos no Brasil, em Portugal continental, ilha da Madeira, França, Inglaterra e Itália.

Ao longo do texto, Cláudia conduz o leitor não apenas pela vida da sua biografada, mas também pela aventura da pesquisa, lembrando, por exemplo, a invasão de um palácio abandonado na Itália, onde assustou o zelador, porque queria saber como era o interior da residência dos pais de d. Amélia na época em que eram vice-reis da Itália e ela, ainda um bebê. Uma das mais emblemáticas questões envolvendo biógrafa e biografada está no fato de Cláudia, assim como eu, ter participado da exumação do corpo de d. Amélia, sepultado na Cripta Imperial, no Monumento da Independência, em São Paulo. Ela descreve essa experiência em primeira pessoa neste livro.

Finalmente, depois de tanta dedicação e aventura em busca de fontes e material primário sobre d. Amélia, o fruto surgiu. Cláudia dá voz aos personagens por meio de relatos, cartas e documentos inéditos presentes neste livro que, depois do imenso sucesso atingido no Brasil, chega às mãos dos leitores em Portugal.

Introdução

Em 2022, o Palácio Nacional da Ajuda, em Lisboa, adquiriu um quadro da imperatriz d. Amélia. A imprensa mostrou o retrato de uma mulher jovem, elegante e belíssima, o que causou alguma estranheza. Afinal, dificilmente alguém terá estudado sobre ela em Portugal, e a confusão com a sua homónima, a “rainha d. Amélia”, é inevitável. Mas, enquanto a rainha d. Amélia de Orleães viveu em Portugal por 24 anos, entre 1886 e 1910, a imperatriz d. Amélia de Leuchtenberg morou no país por 40, de 1833 a 1873, muitas décadas antes.

D. Amélia deve o seu título a ter se casado com d. Pedro IV de Portugal e primeiro imperador do Brasil. Ela era neta de Napoleão Bonaparte e, aos 16 anos, em 1829, aceitou ir para a América se casar com d. Pedro. Esse ato foi tido por muitos como heroico, afinal, diversas outras princesas tinham recusado essa proposta. O que parecia uma aventura exótica, morar no Brasil e ter como marido um homem de moral pouco recomendável, foi uma oportunidade que a jovem usou para negociar suas condições com a diplomacia brasileira e conseguir o que queria em troca. Desde muito cedo, d. Amélia entendia perfeitamente a natureza comercial dos casamentos dinásticos e usou isso a seu favor.

Por mais breve que tenha sido a sua passagem pelo Brasil e sua permanência no poder, d. Amélia chegou a influenciar a nomeação de um ministério que acabou conhecido como Ministério da Imperatriz. Embora pouco se saiba, ela teve um importante papel político no Brasil ao aproximar d. Pedro I do Partido Brasileiro e com isso prorrogar um pouco mais o seu reinado até 7 de abril de 1831, quando o imperador acabou por abdicar.

Nascida na Itália, criada na Alemanha e imperatriz do Brasil por apenas um ano e meio, d. Amélia teve que viver exilada na França até os exércitos liberais retomarem o poder em Portugal. Ela chegou a Lisboa em 1833 trazendo sua enteada, a rainha d. Maria II, e se estabeleceu em Lisboa, onde viveria a expectativa de ver seu irmão mais velho se casar com a rainha;

mas perderia tanto o irmão, quanto seu marido e a filha que teve com ele nos anos seguintes.

Durante todo o tempo em que viveu na capital portuguesa, d. Amélia administrou e financiou diversos orfanatos, conhecidos na época como Casas de Asilo da Infância Desvalida. Essas instituições eram responsáveis pelo acolhimento, educação e formação profissional de milhares de crianças. Além disso, zelou pela memória e pelo legado de d. Pedro IV, enquanto libertador de Portugal, na transição do país para o constitucionalismo.

D. Amélia teve influência no reinado de seu “neto” d. Pedro V, ao assumir o papel de conselheira de sua esposa, a rainha d. Estefânia, quando esta chegou a Portugal. Também para o imperador do Brasil, seu enteado d. Pedro II, ela seria por toda a vida a única mãe que ele conheceu e responsável por boa parte de sua formação, mesmo que à distância.

Viúva aos 22 anos, d. Amélia escolheu permanecer nesse estado não por abnegação, mas para ser dona de seu próprio destino, o que não era possível para jovens solteiras ou mulheres casadas no século XIX. D. Amélia investiu a fortuna herdada do pai comprando terras e um palácio na Baviera, uma rentável cervejaria e uma estância hidromineral, onde mandou implementar modernas terapias holísticas. Passou a viajar e educar a filha como considerava correto.

Quando sua filha, a princesa d. Maria Amélia, quis estudar Física e Astronomia, escolha invulgar para raparigas, foi o apoio incondicional de d. Amélia que permitiu à jovem princesa tornar-se uma das primeiras mulheres na história a serem aprovadas em um exame universitário, o que ocorreu na Universidade de Munique, em 1849.

Amante dos animais, d. Amélia não apenas possuía cachorros e cavalos, como foi das únicas pessoas em sua época que se posicionou contra as touradas em Portugal e se tornou membro de uma das primeiras sociedades protetoras de animais fundada na Europa.

Depois que sua única filha, jovem e solteira, faleceu, d. Amélia nunca mais deixou Portugal. Nem os convites de d. Pedro II para assumir a educação das princesas imperiais brasileiras, nem as lindas paisagens da Baviera, onde mantinha suas propriedades, a convenceram. Foi no Palácio das Janelas Verdes em Lisboa, com vista para o Tejo, que ela preferiu viver.

Dos “deliciosos arredores¹” da cidade, que ela tantas vezes percorreu a cavalo, era Caxias o seu preferido.

Entre todas as suas obras, permanece até hoje em funcionamento a Fundação Princesa Dona Maria Amélia, no Funchal, mandada construir inicialmente como um hospital para o tratamento de doentes de tuberculose carentes e hoje uma instituição que atende crianças e idosos. Foi parte da herança que ela legou para sua irmã, na época Rainha-Mãe da Suécia e Noruega, que possibilitou a continuidade desta fundação através dos séculos, atendendo centenas de pessoas.

Aos 60 anos de idade, após décadas sofrendo de uma doença cardíaca, d. Amélia faleceu em Lisboa. Conforme seu desejo, foi sepultada no Panteão dos Braganças, anexo ao claustro de São Vicente de Fora, junto ao marido e à filha. Porém, após o traslado dos restos mortais de d. Pedro IV para o Brasil, ocorrido em 1972, ela também acabou por ser para lá enviada para que não ficassem separados. Desde sua morte, em 1873, até 2013, quer em Portugal, quer no Brasil, poucos se lembravam que um dia tinha havido uma imperatriz e duquesa Amélia.

A situação mudou em fevereiro de 2013, quando a imprensa revelou os trabalhos de preservação e o estudo que vinham sendo feitos na cripta do Ipiranga junto aos remanescentes humanos dos primeiros imperadores do Brasil, pela arqueóloga brasileira dra. Valdirene do Carmo Ambiel.

Em meio a várias descobertas, uma das que mais chamou a atenção foi o fato de que o corpo de d. Amélia, que havia sido embalsamado quando ela faleceu, continuava intacto. Não faltaram manchetes divulgando a notícia. A última vez que d. Amélia tinha ocupado as primeiras páginas dos jornais havia sido por ocasião de seu casamento com o imperador do Brasil, 184 anos antes.

Após uma década estudando a vida de d. Amélia em diversos arquivos de muitos países, eu tinha sido convidada para participar do projeto da exumação ao longo de 2012 como consultora da equipe histórica.

Escrevendo essas linhas dez anos mais tarde, é impossível não me emocionar ao lembrar. Após a exumação de d. Leopoldina e de d. Pedro I, finalmente, no dia 26 de julho de 2012, chegara a vez de d. Amélia. Eu tinha sido convidada para o evento, mas não sabia de grandes detalhes.

A arqueóloga dra. Valdirene do Carmo Ambiel tinha me telefonado na véspera, decidida a fazer uma surpresa e mencionou apenas que era para eu não ir de saia ou vestido, que era muito importante que eu estivesse de calças compridas. Achei inusitada a recomendação e imaginei que haveria andaimes, como das outras vezes, e que se tratava apenas de um cuidado caso as fotografias fossem feitas de baixo para cima. Não me passou qualquer outra coisa pela cabeça. Mas eu sabia que estaria na segunda exumação da “minha” Amélia!

E isso foi suficiente para que não conseguisse dormir e no dia seguinte estivesse horas antes do combinado já na porta da cripta imperial, no Monumento à Independência, em São Paulo. A doutora Valdirene, que passava dias e noites ali, estava me esperando. Vestimos, então, uma roupa que parecia de astronauta, proteção necessária caso houvesse fungos no ar dentro do caixão, e só aí compreendi que abriríamos o esquite de d. Amélia juntas. Era uma grande incógnita se a imperatriz continuava tão preservada como nos relatos de 1982, se o contato com o oxigênio 30 anos antes teria feito com que ela tivesse se decomposto, ou como seu corpo estaria após ter sido uma vez exposto ao ar atmosférico.

Mas a fórmula usada para embalsamá-la tinha sido tão poderosa que, mesmo um século e meio depois, não só d. Amélia continuava perfeitamente preservada, como, apesar de toda a proteção daquele traje cibernético, o cheiro das substâncias era insuportável. Mas quem estava preocupado com os odores de formol? A nossa alegria foi imensa, eu e a doutora Valdirene nos abraçamos e lembro-me perfeitamente dela me dizendo: “Arqueologia é adrenalina pura! Bem-vinda ao nosso mundo!”. A fotografia do nosso abraço correu mundo, com a legenda de que os pesquisadores estavam eufóricos porque não sabiam que d. Amélia estava mumificada. Não era verdade, sabíamos que ela tinha sido embalsamada, a emoção era por constatar que ela continuava tão bem preservada.

Procedeu-se imediatamente à análise de fungos e microorganismos e, na sua ausência, logo pudemos tirar a roupa especial, manter apenas máscaras cirúrgicas e luvas e deixar que todos os outros presentes se aproximassem.

D. Amélia estava exatamente como o diplomata marquês de Resende relatara em 1873 e como o embaixador português Manuel Côrte-Real a encontrara em 1982, antes do traslado para o Brasil. O caixão era grande, pois d. Amélia media, em vida, por volta de 1,65 m, o que era bastante para a época.

Eu reparava nos detalhes e me lembrava dos relatos e dos retratos: o vestido preto de “luto aliviado”, em que a gola, os punhos e a touca com fitas brancas em renda quebravam o negro absoluto; o sapato de seda, o crucifixo de madeira em suas mãos, o nariz aquilino, os dedos longos, as unhas perfeitas, as sobrancelhas, os cílios, os cabelos castanhos lisos, tudo exatamente como nos documentos.

Em memória do marido e da filha, falecidos tão antes dela, d. Amélia tinha decidido se vestir assim: de preto, para sempre. Vê-la como nos quadros era como se a imperatriz, naquele momento, saltasse para o século XXI e se postasse diante de nós.

Quando acabaram as sessões de fotografias e as outras pessoas começaram a se afastar, pedi para tirar as luvas e tocá-la. Coloquei minhas mãos nas de d. Amélia e pensei no privilégio que representava estar ali naquele momento e poder dar a mão à minha biografada, falecida quase 100 anos antes de eu ter nascido.

E me comprometi, naquele momento, a contar sua história e tentar fazê-la reviver através de minhas linhas. Desse esforço, que acabou durando, desde o início da pesquisa, um total de 20 anos, nasceu este livro. Ele se baseia em centenas de documentos inéditos e conta, sem que nem uma linha tenha sido inventada, uma história que parece ficção. A vida de d. Amélia começa em Milão, no auge do poder e do esplendor da corte napoleônica, passa por histórias de princesas e indígenas da Amazônia crescendo nos palácios da Baviera, até ela unir seu destino ao do imperador do Brasil. Seguem-se os inesquecíveis meses como imperatriz, a queda do trono, o exílio em Paris, a vida em Portugal após as guerras liberais, as perdas e as novas missões que ela abraça. É uma história que abrange boa parte do século XIX, muitos países e diferentes cortes, reis e imperadores. Quem irá nos conduzir através desta viagem é a, até agora pouco conhecida, imperatriz do Brasil e duquesa de Bragança, d. Amélia de Leuchtenberg.

Princesa de Leuchtenberg

EUROPA – 1812-1829

Sob a estrela de Napoleão

Quem viveu na Europa, na virada do século XVIII para o XIX, provavelmente, teve seu destino afetado de alguma forma pelas guerras travadas por Napoleão Bonaparte. Inúmeros soldados perderam suas vidas, populações inteiras foram subjugadas pelos exércitos napoleônicos, alguns novos reinos foram criados, enquanto outros, simplesmente, desapareceram. Napoleão fazia e desfazia o mapa europeu e depois dele, nada continuou como era antes.

As novas leis francesas, baseadas nos princípios que subverteram a antiga ordem absolutista, se espalhavam por quase todos os países europeus, enquanto seus reis e imperadores procuravam alianças para tentar manter suas coroas e as cabeças abaixo delas.

Napoleão foi um furacão que varreu a Europa, e no olho desse furacão, como satélites em torno do sol, estavam seus principais generais e os irmãos Bonaparte, a quem foram distribuídos tronos, títulos régios e fortunas. Mas, ao lado do grande líder, havia uma presença a quem ele, misticamente, creditava sua sorte e seu sucesso: a esposa, que ele próprio fez questão de coroar imperatriz.

Josefina e Napoleão tinham se casado em 1796. Na época, o jovem general de 28 anos desposara a viúva viscondessa de Beauharnais, seis anos mais velha que ele e mãe de duas crianças que Bonaparte imediatamente acolheu como suas: Eugênio e Hortênsia.

Logo, Eugênio passou a seguir os passos do padrasto, acompanhando-o em suas campanhas militares. Com 16 anos, quando partiram para a conquista do Egito, Eugênio já tinha dois anos de experiência no exército e era uma das pessoas da confiança de Napoleão.



1. Augusta, mãe de d. Amélia
[Óleo sobre tela, Joseph Bernhardt, segundo original de J. Stieler. Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa. Fotografia de Nuno de Albuquerque, DGPC/ADF]

2. Príncipe Eugênio, pai de d. Amélia.
[Óleo sobre tela, Joseph Bernhardt, segundo original de J. Stieler, c. 1820. Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa. Fotografia de Nuno de Albuquerque, DGPC/ADF]

3. Brasão da Família Leuchtenberg.
[Fotografia Josef Schönwetter]

4. Josefina, futura rainha da Suécia e irmã mais velha de d. Amélia.
[Óleo sobre tela, J. H. Richter, segundo original de J. Stieler, Palácio Nacional da Ajuda. Fotografia de Nuno de Albuquerque, DGPC/ADF]

5. Eugênia, princesa de Hohenzollern-Hechingen, irmã de d. Amélia.
[Óleo sobre tela, J. Bernhardt, segundo original de J. Stieler, Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa. Fotografia de Nuno de Albuquerque, DGPC/ADF]

6. Theodolinda, condessa de Württemberg, irmã mais nova de d. Amélia.
[Óleo sobre tela, J. Butz, segundo original de J. Stieler. Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa. Fotografia de Nuno de Albuquerque, DGPC/ADF]

7. Maximiliano, duque de Leuchtenberg, irmão mais novo de d. Amélia.
[Óleo sobre tela, J. Butz, segundo original de J. Stieler. Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa. Fotografia de Nuno de Albuquerque, DGPC/ADF]



Augusto, duque de Leuchtenberg e Santa Cruz. Irmão preferido de d. Amélia e primeiro esposo da rainha d. Maria II de Portugal. Retrato encomendado por d. Amélia logo após a morte do irmão. [Óleo sobre tela, John Simpson, 1835. MNAA em depósito no Ministério dos Negócios Estrangeiros, Lisboa. Fotografia da autora]



Amélia é o bebê no colo de sua mãe, rodeada pelos irmãos Eugênia, Augusto e Josefina. 1812/1813. [Miniatura de Giovanni Battista Gigola. Coleção particular. Fotografia de Chiara Parisio]

1

2

1. Amélia e seus irmãos retratados como anjinhos: Eugênia, Augusto, Amélia (de asas cor-de-rosa), Theodolinda, e na frente, Josefina. [Óleo sobre tela, Friedrich Johann Gottlieb Lieder, 1815. Residência de Munique]

2. Amélia entre seus irmãos. Em pé: Eugênia e Josefina. Sentados: Amélia (5 anos), Theodolinda dentro da cesta com Max no colo e Augusto. No céu, representada como anjo, a irmã Carolina, nascida e falecida no ano anterior. [Aquarela de Auguste Simone Garnerey, 1817. Vorlage und Aufnahme: Hauptstaatsarchiv Stuttgart GU 106 Bd 18]





Aquarela pintada por d. Amélia em 1832 representando íris, narcisos, amores-perfeitos e anêmonas.
[Gemeinde Ismaning, Schlossmuseum, fotografia de Wilfried Petzi]



D. Amélia, grávida, em retrato oferecido por ela como presente de aniversário para d. Pedro I em Paris.
[Miniatura de F. Meuret, 1831.
© The Royal Court, Sweden/
Fotografia de Lisa Raihe Rehbäck]